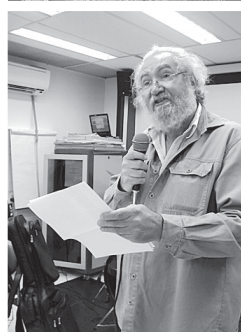


FOTOS: MARINA D'AQUINO



Acima (esq), Lucia Skromov apresenta o painel sobre o Tribunal Popular da Terra, ao lado os professores Bia Abramides e Erson Martins; abaixo as cantoras Bia Mentone e Helena Silvestre

SUCESSÃO

RUBENS SAWAIA É O NOSSO ENTREVISTADO DA SEMANA

Coordenador do curso de Economia no campus Monte Alegre, o professor Rubens Sawaia tem se destacado pela sua participação na vida da universidade, constituindo-se numa voz crítica à estrutura vivenciada atualmente pela PUC-SP.

Localizando os principais problemas da universidade na falta de uma melhor interlocução entre os gestores e a comunidade de uma maneira geral, Sawaia faz uma análise da atual gestão e discute possíveis soluções para a próxima reitoria.

Veja a íntegra da entrevista nas páginas 4 e 5 desta edição.

MÚSICA, POESIA E POLÍTICA EM MAIS UM SARAU DA APROPUC

Na sexta-feira, 30/3, aconteceu mais um Sarau da APROPUC, na sede da entidade. Desta vez a parte musical ficou a cargo da cantora Bia Mentone e Gabriel Milliet, integrantes do grupo Memórias de um Caramujo, junto com eles uma preciosa canja do músico e compositor Arnaldo França, também professor de economia da PUC-SP. Fechando a noite, o canto da militante e aluna do Serviço Social da PUC-SP Helena Silvestre que, jun-

to com o violonista Daniel Lage, interpretou canções de Chico Buarque, Paulo Vanzolini, Milton Nascimento, entre outros.

A poesia ficou a cargo do ex-professor da PUC-SP, Erson Martins de Oliveira, Helena Silvestre, Valdir Mengardo e Edileuza Almeida, que declamou a poesia de Oruam Ipacs.

Durante o Sarau foi apresentado um vídeo onde a professora Bia Abramides e uma série de militantes convidavam as pessoas a parti-

ciparem do Tribunal Popular da Terra que acontecerá entre os dias 20 e 22/4.

A militante Lucia Skromov, do Comitê Pró-Haiti, expôs um grande mural de sua confecção e que se transformou em uma obra coletiva quando todos os participantes do evento puderam contribuir preenchendo parte da pintura. Nos próximos dias o canal da APROPUC exibirá um resumo do Sarau. Na página 3 publicamos uma entrevista com os músicos que participam no evento.



Rede de Proteção faz avaliação e traça novas perspectivas

A Rede de Proteção aos Militantes Ameaçados de Morte se reuniu novamente na terça-feira, 3/4, com a presença da APROPUC, do Tribunal Popular (TP), do Comitê Pró-Haiti e do Movimento Indígena Revolucionário (MIR).

Os militantes fizeram avaliação positiva da Rede desde o início da articulação, que ganhou vida com o ato-debate organizado no TUCA no dia 8/8 do ano passado, e ressaltaram a importância da participação de movimentos e entidades como o Luta Popular, o TP, o Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo e o MIR.

Por outro lado, também criticaram a atual Política de Proteção de Pessoas Ameaçadas, estruturada originalmente pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos. Na última semana, quatro militantes foram assassinados: um em Pernambuco e três no triângulo mineiro, todos ativistas pelo

direito à terra no país.

Ao final da reunião, encaminharam-se indicativos para os próximos passos da Rede, cuja próxima atividade será a participação no Tribunal Popular da Terra, de 20 a 22/4 na zona sul de São Paulo.

PINHEIRINHO

No sábado, 31/3, em torno de 30 movimentos sociais organizaram uma plenária no Sintaema (Sindicato dos Trabalhadores do Saneamento), sobre a situação da comunidade de Pinheirinho e das demais remoções que estão acontecendo em função da Copa de 2014.

Entre elas a remoção da comunidade do Moinho e da população em torno da construção do setor leste no Rodoanel.

A plenária tirou como perspectiva uma agenda de atividades para este mês: o Tribunal da Terra e dia de luta 17/4, que relembra o massacre de Eldorado dos Carajás.

Alunos do Direito enfrentam problemas para entrega dos TCCs

Os alunos do quinto ano do curso de Direito receberam na última semana a notícia de que a data de entrega dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) foi antecipada em quatro meses. No final de 2011, a faculdade enviou aos alunos um comunicado avisando que o prazo de entrega seria até o mês de outubro deste ano; como o curso é dividido em semestres e não em anos, as monografias contariam como as notas finais do primeiro semestre de 2012.

"A justificativa oficial da coordenação de monografias é que o custo dos TCC é mais caro que o custo hora/aula pago aos professores pela universidade", disse Carolina Freitas, estudante do último ano do curso.

"Nem os estudantes, nem a direção da faculdade acreditam que a monografia deve ser entregue no primeiro semestre. Foi uma decisão vertical vinda da reitoria, que não consultou ninguém da faculdade e aprovou por causa da diminuição dos gastos", continuou.

Os estudantes da faculdade estão se articulando em reuniões para tentar reverter a decisão.

REPRESENTAÇÃO DISCENTE

Na última semana, o curso de Direito elegeu seus representantes discentes para os conselhos superiores e conselhos da faculdade. Para o Consun (Conselho Universitário) foi eleito o estudante Lucas Dalcastagne, para o CECCOM (Conselho de Cultura e Relações Comunitárias), foi eleito André Paschoa, no CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) foi eleita Nathália Guimarães e para o Complad (Conselho de Planejamento, Desenvolvimento e Gestão) a escolhida foi a estudante Amanda de Castro. Já para o Conselho da faculdade, é eleito um estudante por ano de curso; para o 1º ano, Victor Pessoa, para o 2º, Fernanda Thomazella, para o 3º, Nicole Porcarrro, para o 4º, Ana Luísa Pinto e para o último ano, Carolina Freitas.

Nota de Repúdio da APROPUC

A comissão de juristas que estuda mudanças no Código Penal aprovou, na manhã de sexta, 30/3, a inclusão do crime de terrorismo no texto da lei.

Segundo a proposta, serão criados artigos e parágrafos específicos para o tema. Que incluem a penalização de condutas como "invasão" de qualquer bem público e interferir, sabotar ou danificar sistemas de

informação e comunicação. Além de apoderar-se do controle de portos, aeroportos, escolas, hospitais e estações rodoviárias e ferroviárias. A pena sugerida vai de oito a 15 anos.

A APROPUC repudia a proposta da comissão por entender que visa à criminalização de movimentos sociais organizados que lutam por direitos democráticos.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Caio Rubens Zinet, Marina D'Aquino, Anna Gabriela Coelho e Roberto de Oliveira

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victória C. Weischardt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

No Sarau da APROPUC uma música sem a cara do mercado

Bia Mentone e Gabriel Milliet encantaram a noite de sexta-feira, 30/3, com sua música no Sarau da APROPUC. Os dois fazem parte do conjunto musical Memórias de um Caramujo, que vem fazendo grande sucesso no circuito alternativo de música brasileira, tendo já gravado o seu primeiro CD. Bia, vocalista do conjunto, acredita que o grupo tem como preocupação fundamental "fazer uma música que toque às pessoas, para que elas possam sair do cotidiano e entrar em outro lugar de escuta das coisas". Sobre o mercado, Bia afirma que o grupo "faz uma música honesta em relação ao que a gente sente e pensa, e por isso mesmo não precisa ter

necessariamente a cara do mercado".

Arnaldo França, violonista, cantor e compositor, além de professor da FEA-PUC, acompanhou algumas canções do grupo e falou ao *PUCviva* sobre o seu trabalho musical. "Creio que o meu fazer musical tem a ver com dimensão do trabalho. Considerando que uma pessoa desenvolve várias capacidades, muitas vezes o exercício de uma só tarefa reduz o potencial do ser humano."

Para Arnaldo, "na obra de arte que procuramos transmitir, temos um controle pleno tanto do produto como do processo, descartando assim a alienação. É preciso manter acessa a chama da criação mu-



FOTOS MARINA D'AQUINO

No Sarau da APROPUC, Gabriel Milliet, Bia Mentone e Arnaldo França

sical sem a preocupação comercial. Minha música não tem a preocupação de se viabilizar no mercado".

Nesse sentido, Arnaldo enfatiza o papel do Sarau da APROPUC como divulgador das artes na universidade: "O Sarau tem que

ser sempre aberto para que a comunidade apresente as suas obras, tenham elas o caráter que tiver".

Os CDs do Memórias de um Caramujo e O Sopro das Cordas, de Arnaldo França, estão à venda na APROPUC, ao preço de R\$ 10 cada.

Música para fazer luta popular

Helena Silvestre é aluna do curso de Serviço Social da PUC-SP e militante do movimento Luta Popular sendo presença constante nas reuniões da Rede de Proteção aos Ameaçados de Morte. Conjugando seu canto à luta militante por melhores condições de vida e moradia, Helena possui um repertório onde as canções que falam do amor e da luta do povo estão sempre presentes., procurando em Chico Buarque, Milton Nascimento, Paulo Vanzolini e tantos outros compositores o sentido para um canto de liberdade.

Acompanhado do violão de Daniel Lage e contando com o auxílio luxuoso da bateria de Billi, funcionário da APROPUC, Helena en-



O canto militante de Helena Silvestre acompanhada por Billi na bateria e Daniel Lage no violão

cantou estudantes, professores, e funcionários presentes ao Sarau. "Eu milito há alguns anos no movimento popular, e foi nas ocupações, nas lutas, nas marchas que nos conhecemos, eu e o compa-

nheiro Daniel", lembrou Helena, que milita no movimento Luta Popular. Ela também falou sobre a importância da música para politizar a sociedade: "Nós dois atuamos com a tarefa de pensar e realizar for-

mação política e, nesse momento, a música se fundia com a nossa militância porque ela tem a ver com nosso imaginário, nossa identidade, com as simbologias que sustentamos, ou seja, tem relação direta com a consciência crítica que tentamos ajudar a construir". Ao final, expressou sua concepção de arte, que tem conquistado os saraus da periferia. "A gente não é artista, é militante, mas que vê na arte uma maneira de lutar contra a brutalização das pessoas imposta pelo capitalismo buscando dar sentido aos sonhos que nos movem", disse.

O Sarau da APROPUC é realizado todas as últimas sextas-feiras de cada mês na sede da Associação, na Rua Bartira, 407.

SUCESSÃO

"É preciso melhorar a interlocução da reitoria com a comunidade"

Rubens Sawaia está na PUC-SP desde 1980 como estudante, e como professor desde 1986, Assistente-doutor e coordenador do curso de Economia, ele é nosso entrevistado desta semana, discutindo a sucessão da reitoria da PUC-SP.



MARINA DAQUINO

SOBRE A ATUAL GESTÃO

O desempenho do reitor foi bastante complicado. Apesar da ingerência da Fundação São Paulo creio que o papel do reitor é tentar, de alguma forma, fazer a interlocução entre a comunidade universitária, e a a academia, com a Fundação, que não conhece bem o funcionamento acadêmico, pois está ligada mais ao administrativo.

E nesse sentido o reitor deveria ser o interlocutor para garantir as condições de qualidade de ensino para que nós não tivéssemos problemas acadêmicos. E ao mesmo tempo fazer o meio de campo entre a questão da qualidade acadêmica e a gestão de recursos.

Em minha opinião, nos últimos anos esta interlocução não foi fei-

ta, pois o professor Dirceu não tinha informações ou não soube como gerir as informações para levar a cabo esta interlocução. Ele mesmo teve uma dificuldade muito grande de atuar junto com os departamentos, com a comunidade acadêmica e muitas vezes os seus pró-reitores não estavam conectados com ele para passar os problemas e as dificuldades de uma atividade acadêmica e do funcionamento da PUC-SP, e nós ficamos basicamente sem interlocutor. Houve um afastamento muito grande do reitor com relação à comunidade acadêmica e esse afastamento prejudicou essa relação e fez acontecer coisas muito desastrosas para a universidade, como foi o caso das matrículas, do fechamento de turmas do curso de economia neste semestre.

Além disso, as condições dos professores também pioraram. Esse joga-

de interlocução, de defender a comunidade acadêmica e levantar as pessoas para que agissem como uma comunidade no sentido de gerir a universidade da melhor forma possível, com qualidade e sem perder estudantes. Nós estamos perdendo alunos por problemas de ingerência, de falta de interlocução, problemas que foram muito graves ao longo desta gestão.

FECHAMENTO DE TURMAS

Vou contextualizar um pouco a questão do fechamento de turmas na FEA. No fim do semestre nós fechamos uma grade curricular com todas as disciplinas para os alunos poderem efetuar suas pré-matrículas. No dia 23/1 terminamos de alocar todos os professores nas disciplinas que já estavam no sistema desde novembro. Então as nossas turmas já estavam no siste-

ma, prontas para os alunos se matricularem.

No dia 18/1, porém, veio o ato do Reitor, quando ainda não haviam terminado as matrículas e estávamos em média com 30 alunos por turma. No dia 1º/2 as turmas foram fechadas pela reitoria. Os alunos que haviam se matriculado perderam suas matrículas. As aulas começaram no dia 6/2. Na primeira semana de aula nós tentamos argumentar com o Reitor para que as turmas não fossem fechadas, para que fossem reabertas. A professora Marina Feldmann, pró-reitora de graduação, entendeu nosso pleito já no dia 2/2, ou seja, na sexta-feira anterior, e foi desautorizada pelo reitor. As turmas mantiveram-se fechadas e tivemos uma semana de discussão. Quando che-

continua na próxima página

continuação da
página anterior

gou a segunda-feira seguinte, 13/2, as aulas já começadas, nós não tínhamos certeza de quantas turmas haviam sido permanentemente fechadas e que turmas poderiam ser reabertas.

No final da história a maioria das turmas foi permanentemente fechada, os alunos perderam suas matrículas e ficaram sabendo disso no dia 6/2 com a confirmação no dia 13. Resumo da operação: semana passada nós ainda tínhamos 300 alunos com matrículas irregulares.

Então, a primeira coisa que deve ser feita é manter algum respeito entre os órgãos superiores e quem está "no chão da fábrica" e que tem um contato direto com os problemas. Nós, na Faculdade de Economia, tivemos muita dificuldade em ser escutados.

O sistema, que é um programa de computador, foi muito mais escutado que nós. Nós precisamos de um Reitor que tenha esse contato com a comunidade, com os departamentos, porque estamos perdendo alunos em grande parte pela má administração, e também pela maximização de professores, porque na Economia a maximização significa 300 alunos por professor, não é pouca coisa.

Nós estamos falando de uma perda de qualidade, que vem ocorrendo e da qual a reitoria deveria ser o grande interlocutor para evitar que de fato a gente destrua a nossa universidade.

Estamos atirando em custos, sem informação suficiente para resolver

nossos problemas, e perdendo os alunos, que são nossa receita.

A RELAÇÃO COM A FUNDAÇÃO

Deve ser uma relação de negociação. Nós precisamos ter um reitor que tenha competência de negociar em alto nível com a Fundação para evitar desastres, para melhorar os cursos, para aprimorar a universidade.

O que não podemos é

reitorias, levarmos à Fundação alguma espécie de solução que não deixe que a gente perca o número de alunos que estamos perdendo e não deixe destruir a qualidade dos cursos que a gente tem. Por que hoje, ainda, a PUC-SP se mantém pela qualidade de seus cursos e professores.

Destruindo estas qualidades, destruímos a universidade. O papel do reitor é convencer a Fundação que esse não é o melhor caminho.

"Verificamos que a nova proposta de contrato de trabalho mantinha a maximização, que, para nós do curso de Economia significa cerca de 300 alunos por professor. Creio então que é extremamente grave mantermos esse nível de trabalho e ainda cobrar pesquisa de nossos docentes"

ter alguém que não faça esta interlocução. Que não tenha a capacidade de fazer este diálogo. Mais quatro anos sem um reitor que tenha a capacidade de fazer este diálogo, e a universidade estará destruída.

O atual sistema de gerenciamento da universidade é ruim, tirou muito poder do reitor, e tirou muito poder da academia. Porém, diante deste fato, nós precisamos elevar a capacidade da academia de interlocução no sentido de levar o debate para o nível da qualidade, que convença a Fundação que a destruição da universidade não é a solução.

Este é o papel do Reitor, é o papel das pró-

vidade, mas para que esta discussão seja elevada o reitor tem que fazer esse papel. Acredito que as primeiras medidas que devem ser tomadas passam pela questão do contrato dos professores, que hoje estão maximizados e não conseguem realizar pesquisas. Hoje os professores estão dando aula para muitos alunos, em turmas extremamente lotadas e as condições de ensino da graduação estão extremamente abaladas e ruins.

A NOVA PROPOSTA DE CONTRATO

Essa proposta foi discutida por nós na Economia, e, na ocasião, verificamos que ela mantinha a maximização, que, como já disse antes, significa para nós do curso de Economia cerca de 300 alunos por professor. Creio então que é extremamente grave mantermos esse nível de trabalho e ainda cobrar pesquisa de nossos docentes.

Os professores estão dando aulas de maneira exagerada. Em diversos cursos a precarização é muito grave, principalmente em cursos que têm muita procura, e dessa maneira não há possibilidades de se manter um contrato de trabalho nessas condições.

Essa é uma questão seriíssima que a proposta da comissão não atacou. Podemos dizer que as condições de pesquisa melhoraram, o que é positivo, e foram privilegiados os professores que têm período integral em pesquisa. O problema é que muitos professores não vão conseguir fazer pesquisa, maximizados do jeito que estão.

PRIORIDADES

Em minha opinião as prioridades são: melhorar a interlocução da Reitoria e das pró-reitorias com a comunidade em geral; é preciso um reitor que tenha uma visão de universidade que não pense unicamente na pós-graduação, mas também na graduação, pois a gente precisa da graduação e é ela que sustenta a pós. De certa forma eu acredito que conseguindo escutar a comunidade e fazer esta costura junto com as pró-reitorias se consiga avançar na própria estrutura da universidade.

Em princípio eu acho que ninguém tem a intenção de destruir a univer-

GAUCHE NA VIDA

Uma infausta data: 48 anos depois

Aos que partiram sem poder dizer adeus

Caio Navarro de Toledo

Na data em que o imaginário popular consagra como o "dia da mentira" - 48 anos atrás - foi rompida a legalidade democrática instituída no Brasil com a Constituição de 1946. Hoje, a quase totalidade das entidades que conspirou, apoiou e promoveu a derrubada do governo democrático de João Goulart (1961-1964) não festejará o golpe civil-militar de 1964.

Na "guerra de narrativas" existente sobre o significado do evento, gradativamente, os "vitoriosos" de abril são "perdedores". 1964 não representou uma Revolução, mas um movimento golpista: (a) um golpe que impediu a ampliação da democracia política brasileira nos anos 1960; (b) um movimento contra as reformas sociais e políticas e (c) uma ação repressiva contra a politização dos trabalhadores e o promissor debate de ideias que, de norte a sul, ocorria do país.

Em síntese, no pré-1964 - diante das iniciativas e reivindicações dos trabalhadores (das zonas rurais e urbanas) e de setores das camadas médias -, as classes dominantes e seus aparelhos ideológicos e repressivos apenas vislumbravam: "crise de autoridade", "subversão da lei e da ordem", "quebra da disciplina e hierarquia" dentro das Forças Armadas e a "comunização" do país. Se, por vezes eram expressas através duma retórica "radical" - "reformas na lei ou na marra", "força aos gorilas!" etc. -, as reivindicações por mudanças sociais e as demandas políticas da época visavam, fundamentalmente, o alargamento

da democracia política e a realização de reformas no capitalismo brasileiro.

Contra algumas formulações "revisionistas" que, hoje, insinuam "tendências golpistas" por parte do governo Goulart, deve-se enfatizar que quem planejou, articulou e desencadeou o golpe contra a democracia política foi a alta hierarquia das Forças Armadas, incentivada e respaldada pelo empresariado (industrial, rural, financeiro e capital internacional) bem como por setores das classes médias brasileiras (as chamadas "vivandeiras de quartel"). Está amplamente documentado que, desde 1961 - antes, pois, da chamada "agitação" ou "subversão das esquerdas" -, alguns desses setores começaram a se organizar para inviabilizar o governo Goulart. A ampla mobilização democrática pelas reformas sociais e políticas, apoiada pelo executivo, teve como efeito a ampliação da conspiração civil-militar e o amadurecimento da decisão dos golpistas de decretar o fim do regime político de 1946.

Destruindo as organizações políticas e reprimindo os movimentos sociais de esquerda e progressistas, o golpe foi saudado pelas associações representativas do conjunto das classes dominantes, pela alta cúpula da Igreja católica, pelos grandes meios de comunicação etc. como uma autêntica "Revolução redentora". Por sua vez, a administração norte-americana de Lyndon Johnson (1963-1969) - que ficou dispensada de fornecer o apoio material aos golpistas, como está comprovado documentalmente -, congratulou-se com os militares e civis brasileiros pela rapidez e eficácia da "ação revolucionária".

Para alívio do Pentágono, da CIA, da Embaixada norte-americana etc., uma "grandiosa Cuba" ao sul do Equador tinha sido evitada!

Embora fosse encarado positivamente pelos trabalhadores, classes médias baixas e suas entidades políticas, o governo João Goulart ruiu como um "castelo de areia". Dois de seus principais pilares de apoio, como apregoavam os setores nacionalistas, mostraram ser autênticas "peças de ficção". De um lado, o propalado "dispositivo militar" que seria comandado pelos chamados "generais do povo"; de outro, o chamado "quarto poder" que estaria representado pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). A rigor, ambos assistiram, passivamente, a queda inglória de um governo a quem juravam fidelidade até a morte!

Desorganizadas e fragmentadas, as entidades progressistas e de esquerda - muitas delas subordinadas ou tuteladas pelo governo Goulart - não ofereceram qualquer resistência à quartelada militar. Sabe-se que, às vésperas de abril, algumas lideranças de esquerda afirmavam que os golpistas, caso atrevessem quebrar a ordem constitucional, teriam as "cabeças cortadas". Mas, como mostraram os "duros fatos da vida", tratava-se de uma cortante metáfora. Com a ação dos "vitoriosos de abril", a retórica, no entanto, tornou-se, após 1º de abril, uma cruel realidade para muitos homens e mulheres durante os longos e sombrios 21 anos da ditadura militar.

48 anos depois, nada há, pois, a comemorar. O golpe de 1964 foi um infausto acontecimento, pois teve consequên-

cias perversas e nefastas no processo de desenvolvimento econômico, político e cultural do Brasil - que ainda se refletem nos tempos presentes. Decorridos 48 anos do golpe, o conjunto da sociedade brasileira repudia a data; no entanto, os democratas progressistas não podem se satisfazer com a derrota que os golpistas sofreram no plano ideológico.

Os progressistas não podem se calar diante da realidade de que o regime democrático vigente no Brasil ainda não fez plena justiça às vítimas da ditadura militar; devem, pois, se empenhar com todas suas forças e inteligência para que a verdade sobre os fatos ocorridos entre 1964 e 1985 seja plenamente conhecida. Sendo o "direito à justiça" e o "direito à verdade" exigências relevantes e indispensáveis de um regime democrático, não se pode senão concluir que a democracia política no Brasil contemporâneo não é ainda uma realidade sólida e consistente.

Caio Navarro de Toledo é professor de Filosofia na Unicamp e fundador da revista *Crítica Marxista*

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS

"Cordão da Mentira" desfila para denunciar crimes da ditadura militar

Cerca de 500 manifestantes participaram no domingo, 1º/4, do "Cordão da Mentira", que desfilou na região central da capital paulista para denunciar os crimes da ditadura militar, pedir punição aos torturadores e para protestar contra as diversas festas organizadas por militares, em comemoração aos 48 anos do golpe militar de 1964.

O Cordão foi organizado por coletivos de teatro, organizações políticas e sambistas de escolas paulistas. Com aparato de escola de samba e cantando marchinhas críticas aos agentes da repressão, o ato teve concentração no cemitério da Consolação e percorreu diversas ruas emblemáticas do centro de São Paulo, como o elevado Costa e Silva - que leva o



"Cordão da mentira" desfila nas ruas do centro de SP.

nome do presidente do governo em que o Ato Institucional nº 5 foi editado - e pela Nova Luz, atual palco da opressão e militarização da cidade. Um dos momentos mais simbólicos foi quando o Cordão chegou à sede da *Folha de S.Paulo*, jornal que à época contribuiu com o regime.

O ato denunciou ainda que vários torturadores seguem com suas vidas nor-

mais como se nada tivessem feito no passado, e que várias outras estruturas do Brasil atual remontam a época da ditadura. Os coletivos de teatro também organizaram encenações das aulas-teatro sobre alguns episódios da ditadura no Brasil, como o famoso confronto da Rua Maria Antonia entre estudantes da USP com estudantes do Mackenzie do Comando de Caça aos Comunistas.

OEA notifica Estado sobre morte de Vladimir Herzog

A Organização dos Estados Americanos (OEA), através da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), notificou o Estado brasileiro no último dia 26/3 sobre denúncias referentes às causas da morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1975. Tal notificação significa que a CIDH irá iniciar um processo de investigação sobre a morte do jornalista.

Herzog foi morto no

Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) de São Paulo, conhecido reduto de torturas e prisões arbitrárias na época da ditadura. A notificação foi provocada por um pedido de investigação feito em 2011 pelo Centro pela Justiça e o Direito Internacional (Cejil), Fundação Interamericana de Defesa dos Direitos Humanos (FIDDH),

o Grupo Tortura Nunca Mais, de São Paulo e o Centro Santo Dias de Direitos Humanos, da Arquidiocese de São Paulo.

Em nota oficial divulgada após a notificação, as entidades afirmam que "este caso é mais um exemplo da omissão do Estado brasileiro na realização de justiça dos crimes da ditadura militar cometidos por agentes públicos e privados".

Abertas inscrições para a Cúpula dos Povos, evento paralelo a Rio+20

Desde o dia 2/4 estão abertas as inscrições de atividades para a Cúpula dos Povos, evento que ocorrerá no Rio de Janeiro entre os dias 15 e 23/6, no Aterro do Flamengo, paralelamente à Conferência das Nações Unidas (ONU) so-

bre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20.

As atividades devem seguir três eixos: denunciar as causas estruturais das crises, das falsas soluções e das novas formas de reprodução do capital; discutir soluções e novos paradig-

mas dos povos; e pensar agendas, campanhas e mobilizações que articulem os processos da luta anticapitalista pós-Rio+20.

O intuito da cúpula é fazer um contraponto ao evento oficial, e mostrar que as saídas apontadas

Mais um trabalhador ligado ao MST é morto em PE

Mais um trabalhador rural sem-terra foi morto em Pernambuco na manhã de segunda-feira, 2/4. Pedro Bruno é o segundo militante assassinado no estado em 10 dias, morto por tiros de revólver perto do engenho Pereira Grande, em Gameleira, na Zona da Mata de Pernambuco.

O outro militante morto foi Antonio Tiningo, coordenador do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), assassinado no último dia 23/3 no acampamento da fazenda Ramada, em Jataúba. O MST atribui o assassinato de Pedro Bruno a uma resposta ao movimento que havia reocupado o engenho Pereira Grande.

A propriedade pertence à Usina Estreliana, alvo de disputa desde 2003, quando a área foi declarada de interesse social para fim de reforma agrária. Os donos da Usina recorreram da decisão e conseguiram barrar a desapropriação. O caso agora está pendente na Justiça.

As mortes refletem a triste realidade do campo brasileiro, onde o problema da concentração de terra está longe de ser resolvido, e os grandes latifundiários promovem impunemente diversos atentados aos direitos humanos contra quem ousa lutar contra essa lógica.

ROLA NA RAMPA

PUC-SP recebe ciclo de debates sobre a Rio+20

Acontece entre os dias 11/4 e 4/6 um ciclo de discussões sobre a conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre desenvolvimento sustentável, a Rio+20. O primeiro debate acontecerá a partir das 19h, no auditório 239, e discutirá a Crise e Reforma da Gover-

nança Ambiental Global. A professora de Relações Internacionais da PUC-SP, Flavia de Campos Mello mediará o debate, que deverá contar com a presença de Christina Montenegro (PNUMA) ou Fernando Lirio (MMA), Wagner Ribeiro (USP) e Rubens Born (Vitae Civilis).

Seminário discute a mobilidade urbana na metrópole

Durante todo o dia 16/4 acontecerá o Seminário Internacional "Mobilidade na Metrópole: direito do cidadão e desafio aos planejamentos e gestão democráticos". Os debates come-

çam às 8h, e seguem até às 22h no auditório Paulo Freire (piso superior do TUCA). O professor Fernando Nunes da Silva, da Universidade de Lisboa, é um dos conferencistas do seminário.

Primeiras Paisagens analisa o sentido da pintura



As 16 obras da série "Primeiras Paisagens", da artista plástica Fernanda Eva, estarão expostas na Biblioteca Nadir Kfoury, no campus Monte Alegre. A maioria das pinturas, produzidas entre 2005 e 2007, retrata a percepção da artista sobre locais de preservação ambiental no Brasil visitados por ela, que empregou tons de ironia e exube-

rância de elementos em tinta acrílica sobre tela em grandes formatos. Além das pinturas, será exibido o vídeo "Por que o artista contemporâneo ainda pinta?", de 2008. As obras e o vídeo estarão expostos até o dia 4/5 de 2012 no espaço cultural da Biblioteca. Para mais informações, acesse o site www.pucsp.br/videoteca.

NEAM promove debate com José Paulo Netto

O Núcleo de Estudos de Aprofundamento Marxista da Pós Graduação em Serviço Social (NEAM) organiza no dia 9/4 um debate com o professor da UFRJ e do pós-graduação da PUC-

SP, José Paulo Netto, sobre o legado marxista e a tradição marxista na formação profissional. O evento é aberto a todos, e acontecerá a partir das 20h na sede da APROPUC.

Debates homenageiam ministro Moreira Alves

Acontecem nos dias 11 e 12/4 dois debates sobre o novo Código Civil. O primeiro deles ocorrerá na sala 100, a partir das 19h, com a presença dos professores Arruda Alvim, Araken de Assis e Eduardo Arruda Alvim. Durante o debate os profes-

sores também realizarão o lançamento do livro Comentários ao Código de Processo Civil, de autoria dos três professores. No dia 12/2 acontecerá uma homenagem ao ministro Moreira Alves e uma palestra sobre os 10 anos do novo código.

Pastoral universitária realiza Missa de Páscoa

A reitoria, a pró-reitoria de Cultura e Relações Comunitárias e o Serviço da Pastoral Universitária convidam para a Celebração Eucarística - Páscoa da Ressurrei-

ção, no dia 11/4. A missa começará às 12h05, na Capela da PUC-SP, e será celebrada por Dom Edmar Peron. Mais informações pelo número (11) 3670-8557.

Próxima revista PUCviva debaterá crise mundial

A próxima edição da revista *PUCviva* terá como tema "A crise mundial do capitalismo e suas tendências bélicas". Os interessados em publicar textos devem enviar o material com até 15 mil toques, até o dia 20/4, no e-mail apropuc@uol.com.br. A revista tem os seguintes subtemas: As tendências bélicas do capitalismo após o "fim da guerra fria"; As duas guerras contra o Iraque; A guerra de ocupação do Afeganistão; A intervenção militar da ONU/OTAN na Líbia; A ameaça de guerra contra o Irã; A crise na Síria e a posição das potências; A queda de governos ditatoriais no Norte da África

e Oriente Médio; O avanço de Israel sobre o território palestino; O armamentismo na América Latina; O significado histórico das duas guerras mundiais para o armamentismo; Economia armamentista e a paz mundial. Os artigos não precisam se referir somente aos subtemas, podendo abordar também o tema geral da publicação. Outra publicação da APROPUC, a revista *Cultura Crítica*, está em processo de conclusão. A revista debaterá a obra e a vida de Aluísio de Azevedo, autor do clássico *O Cortiço*. O *PUCviva* noticiará em breve a data de lançamento da revista.